

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA  
CAMPUS VII – CODÓ  
CURSO DE CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

LUIS EDUARDO SOUSA FRAZÃO

**REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DA REDE PÚBLICA  
ESTADUAL DE ENSINO DE CODÓ/MA ACERCA DA DITADURA CÍVICO-  
MILITAR NO BRASIL DE 1964-1985**

CODÓ-MA  
2019

Luis Eduardo Sousa Frazão

**REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DA REDE PÚBLICA  
ESTADUAL DE ENSINO DE CODÓ/MA ACERCA DA DITADURA CÍVICO-  
MILITAR NO BRASIL DE 1964-1985**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
Interdisciplinar em Ciências Humanas/ História da  
Universidade Federal do Maranhão- UFMA  
/Campus Codó, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva  
Sousa.

LUIS EDUARDO SOUSA FRAZÃO

**REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DA REDE PÚBLICA  
ESTADUAL DE ENSINO DE CODÓ/MA ACERCA DA DITADURA CÍVICO-  
MILITAR NO BRASIL DE 1964-1985**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
Interdisciplinar em Ciências Humanas/ História da  
Universidade Federal do Maranhão- UFMA  
/Campus Codó, como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado/a em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva  
Sousa.

**APROVADO EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2019.

**NOTA:**\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Waldílio da Silva Sousa - UFMA  
Orientador

---

Prof. Dr. José Carlos Aragão - UFMA

---

Prof. Esp. Soraia Lima Ribeiro de Sousa  
Técnico em assuntos Educacionais – UFMA

CODÓ-MA  
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Sousa Frazão, Luis Eduardo.

REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DA REDE PÚBLICA  
ESTADUAL DE ENSINO DE CODÓ/MA ACERCA DA DITADURA CÍVICO-  
MILITAR NO BRASIL DE 1964-1985 / Luis Eduardo Sousa  
Frazão. - 2019.

36 f.

Orientador(a): Francisco Waldílio Da Silva Sousa.  
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
História, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2019.

1. Ditadura Militar. 2. Livro didático. 3.  
Representações discentes e docentes. I. Da Silva Sousa,  
Francisco Waldílio. II. Título.

## DEDICATÓRIA

*“Dedico este trabalho a Deus que sempre me deu a motivação para ir em frente, minha família (principalmente minha mãe pelo apoio constante) e meus amigos que sempre me incentivaram a continuar. Especialmente para minha mãe Walmira dos Santos Sousa”.*

## **AGRADECIMENTOS**

*“Agradeço imensamente a Deus por ter concedido forças para realizar tudo isso, meus pais (Walmira dos Santos Sousa e Osvaldo Frazão de Sousa). Agradeço especialmente a minha mãe por sempre acreditar em mim, agradeço todo o apoio e suporte do meu orientador Francisco Waldílio e aos meus amigos Talisson, Leiciane, Ronilson e Ana Cristina, que tanto me motivaram para continuar o processo acadêmico, como também ofereceram apoio nessa fase”.*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>01</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>02</b>
<b>3. REPRESENTAÇÕES DOS DICENTES .....</b>	<b>04</b>
<b>4. REPRESENTAÇÃO DOS DOSCENTES.....</b>	<b>18</b>
<b>5. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO.....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>
<b>APÊNDICES E ANEXOS.....</b>	<b>31</b>

# REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DE CODÓ/MA ACERCA DA DITADURA CÍVICO-MILITAR NO BRASIL DE 1964-1985

Luis Eduardo Sousa Frazão

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender as representações de alunos e professores da rede pública de ensino (3º ano do ensino médio) da cidade de Codó - MA sobre a ditadura militar do Brasil (1964-1985). Este é um tema que traz no bojo um debate de grande importância na atualidade, sobretudo em decorrência do recrudescimento de forças/pensamentos/ideias reacionárias que permeiam as discussões acerca do atual cenário político brasileiro.

**Palavras-chave:** Ditadura militar. Representações discentes e docentes. Livro didático.

## ABSTRACT:

This article aims to understand the representations of students and teachers of the public-school system (3rd year of high school) of the city of Codó - MA on the military dictatorship of Brazil (1964-1985). Undoubtedly, this is a theme that brings to the fore a debate of great importance today, especially as a result of the resurgence of forces / thoughts / reactionary ideas that permeate the discussions about the current Brazilian political scenario.

**Keys word:** Military dictatorship. Representations of students and teachers. Textbook.

## 1.INTRODUÇÃO

A motivação inicial deste assunto surgiu devido ao interesse de compreender o que os alunos da rede pública do terceiro ano da cidade de Codó - MA entendem sobre o regime militar e seus efeitos, sem dúvida, este é um tema que traz consigo um debate de grande importância dentro da conjuntura atual, marcada pelo recrudescimento de forças/pensamentos/ideias reacionárias.

Imaginar o ensino de História como construção da cidadania é pensar a função do professor como meio de transformação de um sujeito passivo em um sujeito atuante; é priorizar o desenvolvimento de habilidades cognitivas que permitam ao indivíduo o “saber fazer”, o “saber usar” e o “saber comunicar”, mas principalmente, o desenvolvimento da autonomia intelectual que permita ele saber criticar”.

É de conhecimento que este assunto tem tomado sérias discussões, dentre elas envolvem a tentativa do governo atual de Bolsonaro de mudar todas as memórias registradas nos livros de História, tendo eles o intuito de apresentar o golpe militar de 1964 como um “regime democrático de força”.

Sabemos que é possível, a partir, por exemplo, da desvalorização do estudo das “humanidades” que o senso crítico e compreensão da realidade social perdem com esse expediente e a atuação de tais professores torna-se limitada.

Deste modo, surgem alguns questionamentos a nosso ver pertinentes: qual a compreensão dos alunos das escolas pública de Codó sobre o que representou (e pode representar) um governo com cariz autoritário?

O regime militar brasileiro, parte da história recente do país, é um período delicado e de muitas feridas ainda abertas. São muitos os discursos que nascem neste período e as relações de poder delineadas a partir deste complexo emaranhado de memórias coletivas e individuais. E é justamente estas memórias e narrativas orais que podem, se bem aproveitadas, ajudar a compor, em sala de aula, o conhecimento histórico do período em questão. (TEDESCO, 2002, p.36)

Em meio a esse debate, muitas narrativas acabam sendo criadas em cima do assunto da Ditadura Militar, dentre elas o uso do termo “regime”, que tem o objetivo de amenizar tudo o que envolveu essa fase ditatorial. Sabendo que, “Ditadura” é o termo adequado, pois se trata de um governo autoritário, que fazia uso da violência, provocavam tortura, mortes e exerciam o poder de forma antidemocrática.

Esta pesquisa voltou-se justamente a discutir sobre a maneira como vem sendo “compreendido” o conhecimento histórico acerca da ditadura militar brasileira de 1964 a 1985. Nosso foco principal foram os alunos, mas também ouvimos os professores no intuito de, dentro dos limites dessa pesquisa, identificar as representações destes profissionais sobre o tema em tela. Sabemos ainda, embora isso não seja abordado nesse trabalho, que atualmente muitos sujeitos constroem

suas “representações” históricas (e demais áreas), a partir de diversas “fontes” de informações (não apenas a partir das aulas de história) como as redes sociais por exemplo. A construção do discurso histórico a partir de novas perspectivas vem sendo difundido com a “expansão” da História Cultural na historiografia, especialmente no que se refere às discussões acerca da “Memória” e dos usos de fontes orais.

Enquanto na maioria dos países se diz que o objetivo do ensino da história é desenvolver nos alunos as capacidades de que o cidadão precisa para participar da sociedade de maneira autônoma e refletida, o ensino da história, ainda é, muitas vezes, reduzido a uma narrativa fechada, destinada a moldar as consciências e a ditar as obrigações e os comportamentos para com a nação. (LAVILLE, 1999, p. 125-138)

Essa é a função essencial da disciplina de história, dar luz à conteúdos que antes eram desconhecidos, assim também como formar opiniões baseadas em fatos históricos, estamos falando aqui da capacidade do aluno de refletir sua realidade e chegar ao um nível de desenvolvimento crítico e intelectual sobre o mundo em que vive, sem o perigo de ser limitado por algum tipo de deturpação vinda, por exemplo, de um governo comprometido com falácias, “fake News”, mentiras e “estrangulamento” da história.

## **2. METODOLOGIA**

Sabemos que a metodologia se trata de um conjunto de métodos e técnicas que oferecem suporte para elaborar um trabalho e chegar em um determinado resultado. Resumidamente, é a fase da pesquisa deste objeto estudado e sobre tudo, da coleta de dados que trarão base para todo esse processo investigativo.

Metodologia Científica não é um conteúdo a ser decorado pelo acadêmico, para ser verificado num dia de prova; trata-se de fornecer aos acadêmicos um instrumental indispensável para que sejam capazes de atingir os objetivos da Academia, que são o estudo e a pesquisa em qualquer área do conhecimento. (LEITE; SAKAGUTI, 2009, p. 10)

Nesse sentido, essa pesquisa monográfica, buscando caminhos para que se torne possível compreender com mais profundidade o tema analisado, nesse sentido, lançamos mão de entrevistas, de questionários, da análise de livro didático, e ainda de uma revisão bibliográfica, a qual subsidia as discussões.

A partir da aplicação dos questionários, foi possível compreender a maneira que os alunos (e também os professores) da rede pública compreendem todo esse processo referente ao que foi o regime militar e como eles também enxergam essa realidade. Dessa forma, teremos os resultados desta pesquisa baseados essencialmente na totalidade e na análise das respostas apontadas e descritas nos questionários que serão dirigidos a eles.

A pesquisa envolveu todas as instituições de rede pública da cidade de Codó, são elas: Centro de ensino Médio Luzenir Matta Roma, Centro de Ensino Lucia Bayma, Unidade integrada Colares Moreira, Complexo Educacional Renê Bayma e Centro de Ensino Reitor Ribamar Carvalho. Foram obtidos dados baseados nas informações do corpo escolar daqueles que integram o ensino nos institutos, buscando entender melhor o parecer destes alunos.

### **3. REPRESENTAÇÃO DOS DISCENTES SOBRE A DITADURA MILITAR (1964-1985)**

É de grande utilidade proporcionar reflexões acerca da ditadura cívico-militar, como forma de fomento a reflexões sobre democracia, cidadania bem como a fragilidade destas. Dessa maneira, compreende-se que ensinar sobre a Ditadura Militar pode trazer importantes reflexões aos discentes, de forma que eles mesmos possam raciocinar sobre essa fase do Estado autoritário e então se posicionarem diante dessas práticas ocorridas.

O ensino da disciplina de História deve trazer para o campo prático os debates teóricos acerca deste período. Uma vez que as discussões são levadas para a sala de aula, a percepção dos discentes é despertada, trazendo luz aos fatos históricos analisados, resultando na compreensão do presente e do encontro dessas temporalidades. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior:

A História tem a importante função de desnaturalizar o tempo presente, de fazê-lo diferir em relação ao passado e ao futuro, no mesmo momento em que torna perceptível como essas temporalidades se encontram, como elas só existem emaranhadas, articuladas em cada instante que passa, em cada evento que ocorre. A história serve para que se perceba o ser do presente, como devir, como parte de um processo marcado por rupturas e descontinuidades, mas também por continuidades e permanências". (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 30-31).

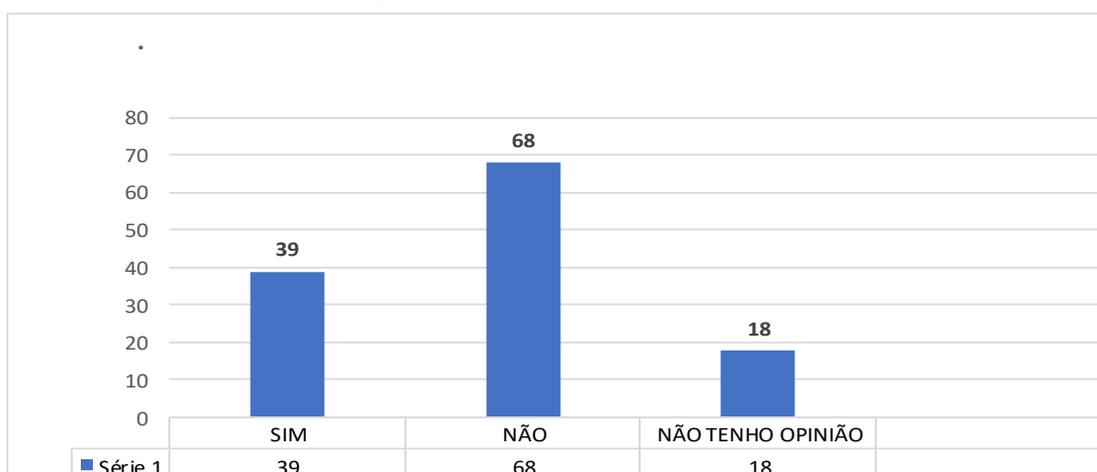
Aqui a aplicação do questionário foi a base para o levantamento de opiniões dos discentes e docentes sobre a Ditadura Militar, sendo essa a maneira de buscar entender o que eles pensam sobre essa temática. O questionário mencionado possui cinco perguntas, sendo quatro perguntas de alternativas e uma descritiva, onde nesta, o aluno irá analisar duas fotos (que retratam a opressão da ditadura militar) e dizer o que entendem por essas ilustrações.

Além de tudo isso, se trata de oportunizar reflexões sobre um tema que apresenta grandes implicações na atualidade. Destaca-se, a Escola Colares Moreira, na ocasião, a professora já iria trabalhar esse assunto em razão dos 55 anos do golpe militar. Os 55 anos do golpe militar nada têm haver com sentimentos de comemoração, mas sim com o enfrentamento de uma fase cinza que trouxe tortura, morte e desaparecimento de pessoas. Os questionários foram aplicados antes de começar a aula, onde a professora iria tratar sobre os 55 anos do golpe militar, dessa forma as questões vieram a colaborar de forma inicial para a aula do 3º ano do turno vespertino.

A aplicação dos questionários ocorreram basicamente nos turnos matutinos e vespertinos nas escolas públicas de ensino médio (3ºano) durante o mês de março à abril, nelas percebi que alguns alunos de determinadas escolas estavam atualizados quanto a esse tema, de forma que alguns vinham até mim depois para conversar um pouco sobre que achavam do atual governo demonstrando suas ideais e também preocupações considerando que o questionário reflete tais questões temáticas.

A seguir apresento os resultados e discussões no que tange as investigações sobre as representações de discentes acerca da ditadura cívico-militar.

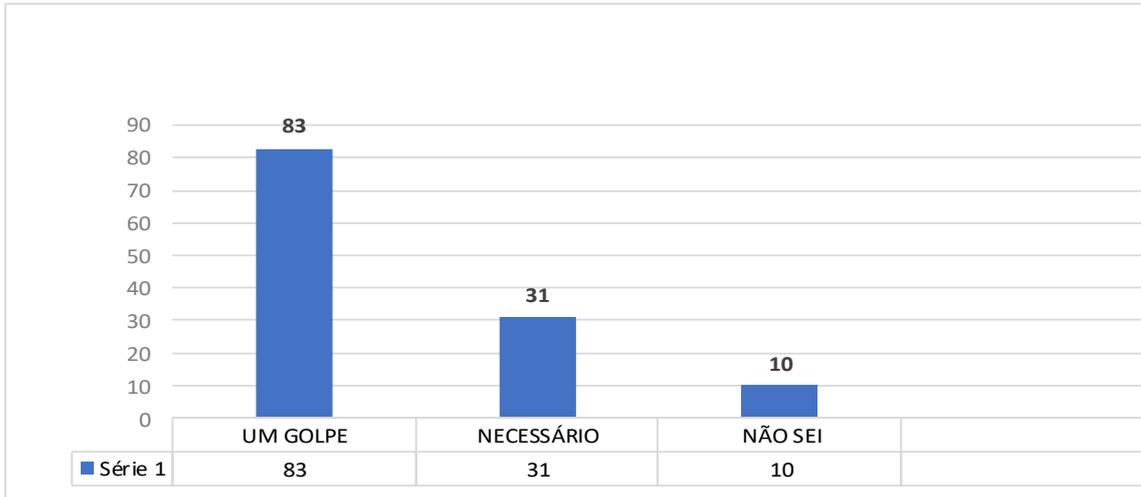
GRÁFICO 1: Quando perguntados se os militares devem tomar o poder.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao serem questionados como eles consideram o que o Regime Militar foi no Brasil chegamos a essa totalidade de respostas.

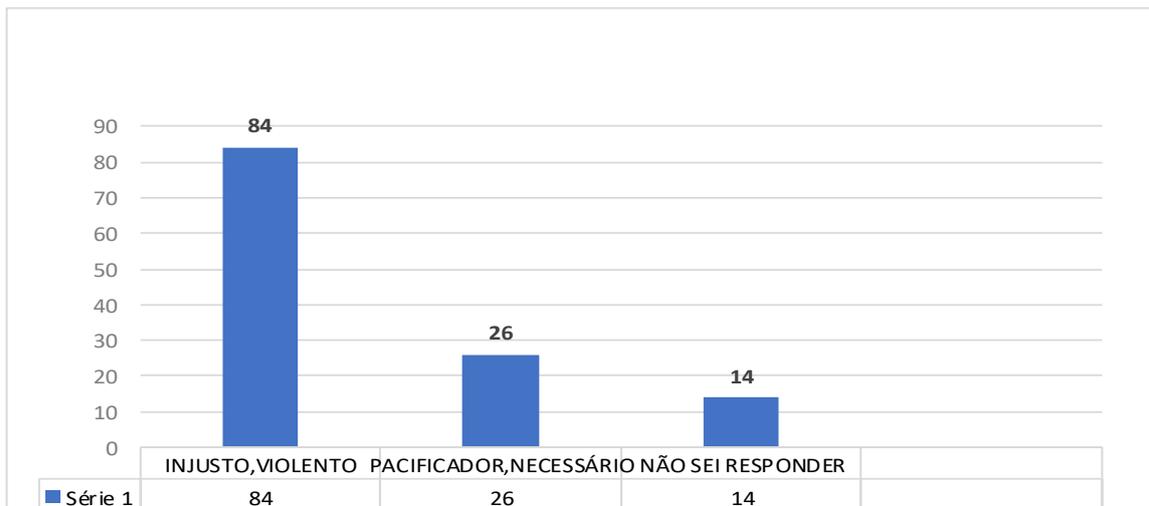
GRÁFICO 2: Você considera que o Regime no Brasil (1964-1985) foi:



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao serem perguntados como consideram o Regime Militar chegamos a essa totalidade de respostas:

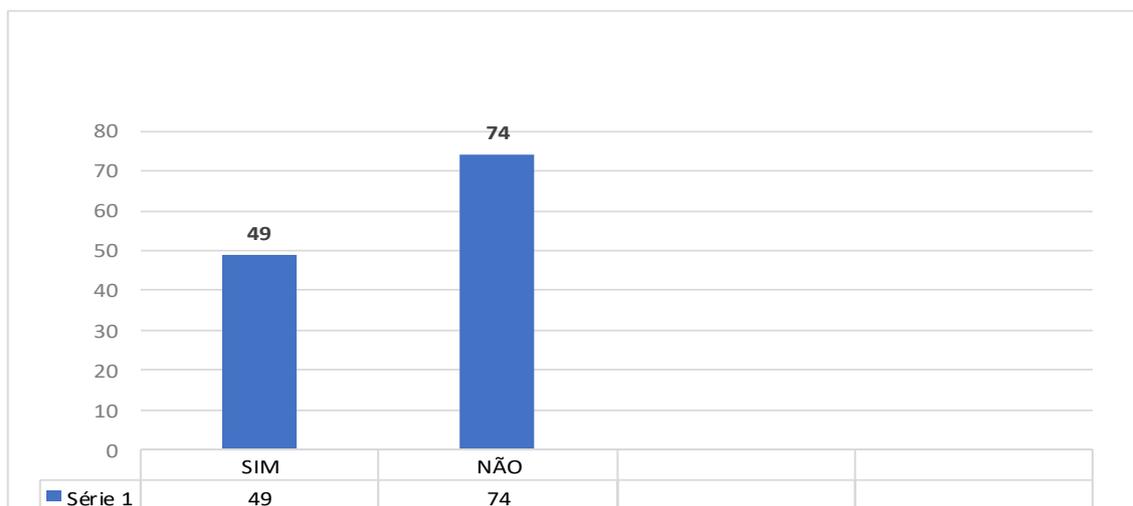
GRÁFICO 3: Como resumiria o Regime Militar no Brasil (1964-1985):



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando perguntados se sabiam que o Regime Militar no Brasil teve influência direta dos Estados Unidos que queriam manter o controle sobre o país, responderam:

GRÁFICO 4: Você sabia que o Regime Militar no Brasil (1964-1985) teve influência direta dos Estados Unidos que queria manter o controle sobre o país?



Fonte: Elaborado pelo autor

Foram exatamente 125 questionários aplicados com os discentes das escolas públicas de Codó, e eu poderia dizer que algumas respostas são imprevisíveis, especialmente na última questão que pede para que o aluno descreva sua opinião sobre imagens relacionadas ao período Ditatorial. Foram dezenas de respostas, porém, muitas delas foram isoladas, outras ficaram em branco, outras insuficientes e já outras opiniões surpreendentes que inclusive apoiam aquele momento de repressão, demonstrando que os mesmos também apoiariam medidas similares nos dias de hoje.

Foi possível perceber que a maioria dos alunos da rede pública tem conhecimento do que foi aquele período Ditatorial, os males e a democracia que os governos autoritários representavam. Inclusive, baseado na totalidade de suas respostas, 83 alunos da rede pública consideram o Regime Militar um golpe (conforme a 1ª questão). Em vista disso, existem alunos que conseguem opinar com propriedade do que se tratou o período Militar, tendo eles conhecimento dos acontecimentos característicos daquela época (perseguição, a ausência de democracia e repressão por parte dos militares).

Foi interessante perceber que 84 alunos afirmaram que resumem a ditadura Militar como uma manifestação: injusta, violenta e autoritária, (conforme a 3ª terceira questão). Isso mostra um nível de coerência e sentido desta pesquisa qualitativa, pois estão aqui representados basicamente o mesmo número de discentes que afirmaram a ditadura foi um golpe (na 2ª questão).

Foi notável que existem alunos conscientes do que tudo isso representou, assim como também compreendi que existem diversos alunos (ainda que em minoria) que fazem apologia a esse tipo medidas militares. Somando esse grupo em 39 alunos que marcaram SIM, que os Militares poderiam tomar o poder novamente.

E ainda nessa linha de pensamento, 31 deles assinalaram que o Regime Militar foi uma intervenção necessária, conforme a 2ª (segunda) questão do questionário. Em outras palavras, eles se mostram representados por essa forma de governo, dando a entender que apoiam até mesmo o atual presidente do Brasil (Bolsonaro). Alguns alunos comentavam levemente comigo que votaram no mesmo.

Diante disso, existem também outra parcela de alunos que juntos formam um número de 42 alunos que declaram não saber nada sobre o devido assunto, se abstendo de opinar. Isso pode representar a falta de interesse em aprender mais sobre o conteúdo, mesmo sendo algo gritante e bastante atual. Esses dados podem indicar também o fato de não terem definido ao certo suas funções como discentes.

Selecionei algumas respostas que considere relevantes vindas da 5ª e última pergunta do questionário aplicado:

### 5.O que você sabe sobre essas imagens?

Imagem A



Manifestação do movimento estudantil em 21 de junho de 1968, Cinelândia, RJ  
Foto: Evandro Teixeira

Imagem B



Tipo de tortura chamada pau de arara.

**Discente 1-** *“Que os militares, na ditadura, batiam e apreendiam pessoas que impõem suas opiniões sobre o que estava acontecendo e que os ditadores não aceitavam. Depois que apreendiam, eles mantinham essas pessoas em um lugar privado onde eles as maltratavam. Muitas dessas pessoas não resistiam às violências e morriam. Eram dadas como desaparecidas pelos militares”.*

**Discente 2-** *“Eram formas de repreensão e castigos para pessoas que não aceitavam o regime”.*

**Discente 3-** *“A imagem “A”, para mim representa a rigidez dos militares contra as pessoas contrárias ao regime ditatório no qual as pessoas contrárias ao governo eram espancadas e gravemente violentadas pelos militares do Governo. A imagem B eu não sei do que se trata”*

**Discente 4-** *“A imagem (A) representa os militares mantendo a ordem e cumprindo leis. Já a imagem (B) representa forma de punição dos militares”.*

**Discente 5-** *“imagem (A) policiais detendo um arruaceiro. Na imagem (B), um homem amarrado sendo torturado”.*

**Discente 6-** *“Imagem A é uma perseguição e a imagem B é uma tortura usada na ditadura. Chamada pau de arara.*

**Discente 6-** *“Imagem A: Como que o cidadão Brasileiro sofria muito naquele tempo e ainda sofre. A imagem B: o cidadão era torturado em várias formas, como cadeira elétrica entre outros”.*

**Discente 7-** *“Um verdadeiro golpe militar no Brasil, injusto, violento e autoritário sobre diversas ocasiões do regime Militar no Brasil”.*

**Discente 8-** *“Militares em ação”.*

**Discente 9-** *“O Regime Militar, foi muito marcado pela violência, pela falta de expressão. Porque os cidadãos não podiam se expressar ou fazer manifestações. A elite dominava o país, porém os pobres foram morar em favelas. Existiam mais ou menos 4.500 pessoas morando em favelas, e esse número aumentava”.*

**Discente 10-** *“Entendo que foi o poder autoritário do governo militar na população; querendo impor suas vontades, e não existia liberdade de expressão, aparentemente a economia do país estava a mil maravilhas, sendo que não foi*

*assim”.*

**Discente 11-** *“Pessoas que não queriam respeitar os militares e sofriam por isso”*

**Discente 12-** *“A imagem (A) mostra a violência com que as pessoas contrárias aos militares sofriam”; A imagem (B) mostra o pau-de-arara, uma tortura de pessoas contrárias aos militares”.*

**Discente 13-** *“A imagem (A) mostra um homem sendo seguido por policiais para possivelmente ser espancado; a imagem (B) mostra uma pessoa sendo torturada pelo regime, porque era isso que eles faziam”.*

**Discente 14-** *“As duas imagens afirmam que a ditadura militar era violenta e autoritária. Os militares abusavam do poder”.*

**Discente 15-** *“A imagem (A) é uma típica imagem sobre o autoritarismo que os militares queriam controlar o direito de ir e vir dos manifestantes que estavam buscando seus direitos”.*

Podemos dizer que a disciplina de história se trata de um processo de contínua transformação e adequação à realidade dos alunos e da sociedade em geral. Neste processo, é necessário que o professor acompanhe as transformações e procure sempre se adaptar as novas ações do ensino com o intuito de criar narrativas que possam contribuir para o objetivo da disciplina de História na escola.

Incentivar a participação do aluno no processo educacional, valorizar seu envolvimento e receber seu feedback são atuações que colaboram grandemente para o ensino em sala de aula ou para realização de um trabalho acadêmico. Percebemos que para desenvolver um projeto como esse, é fundamental ouvir o que os alunos tem a dizer, suas opiniões, suas perspectivas sobre determinados assuntos e ter a interação de todos eles para assim trazer uma visão mais ampla daquilo que estamos almejando compreender.

Analisando algumas respostas dos alunos, percebemos que na maioria de suas falas é notável um discernimento sobre este assunto, mostrando que conhecem o nome do tipo de tortura (pau de arara) exposto na quinta questão, e ao mesmo tempo reconhecendo que as imagens ilustram uma fase autoritária e violenta vívida naquele período no país. Muitos dos alunos tiveram esse mesmo

entendimento em suas respostas, e em outras falas, nota-se que alguns alunos desconhecem a que período pertence as fotos citadas, porém, eles percebem que essas figuras estão associadas a algo injusto e autoritário.

Por outro lado, também existem alunos que possuem um pensamento de classe dominante, onde eles entendem que aquelas práticas de repreensão e violência eram necessárias para manter a ordem. Alguns deles descrevem os estudantes que estão sendo agredidos na imagem A, como “arruaceiros”, e que os militares estão apenas cumprindo a lei e mantendo a ordem.

A História tem um papel relevante na formação e na preparação de um sujeito para a vida social, por meio de suas experiências didáticas, a História auxilia na construção da democracia e da cidadania. Ensinar e aprender história exige uma avaliação do papel formativo da disciplina, isso significa que devemos pensar a história como saber disciplinar, que possui uma função relevante na construção da consciência histórica do homem.

O ensino da Ditadura Civil-Militar é de grande importância por representar mais do que um tema escolar, mas por ser essencial para uma educação voltada para o respeito aos direitos humanos, as diferenças e à construção da democracia. A História é necessária por nos fazer refletir e dar respostas a várias ações do nosso presente, de forma que pontes sejam criadas, fazendo com que toda sociedade tenha mais envolvimento no que se refere a consolidação da nossa democracia. De acordo com o autor Abraão:

Conhecer a verdade e ter acesso à história é, portanto, um direito de todos. Mas ofertar especialmente aos jovens o conhecimento histórico de acontecimentos que marcam nosso passado repressivo (e que ainda condicionam nosso presente) é certamente um ato político. Pois se trata de lembrar não apenas para que haja justiça com as vítimas, mas também para que toda a sociedade se envolva na consolidação da nossa cultura democrática. Damos assim, passos efetivos para fortalecer um modelo de sociedade cada vez mais ativa e exigente com o respeito aos direitos humanos. Para que não se esqueça. Para que nunca mais aconteça. (ABRAÃO, 2013, p.7)

## **5.REPRESENTAÇÃO DOS DOCENTES**

Os professores de história das escolas estaduais Matta Roma, Lúcia Bayma, Colares Moreira, Complexo Renê Bayma e Heitor Ribamar foram interlocutores dessa pesquisa, alguns deles responderam os questionários de imediato, outros

devolveram-me no intervalo de duas a três semanas, mas, alguns tiveram dificuldade em devolver o questionário.

A aplicação da entrevista estruturada voltada aos docentes teve início basicamente em novembro de 2018, quando fui pela primeira vez à procura dos professores da disciplina de História nas escolas de Codó, de escolas públicas, que atuam no 3º ano do ensino médio. Escolhi começar pela escola Matta Roma, onde consegui ter contato com um dos primeiros professores daquela instituição, e expliquei o objetivo do projeto, e em seguida lhe entreguei o questionário, sendo esse professor bastante atencioso à ponto de responder todas as questões naquele mesmo horário.

O objetivo foi compreender as representações dos professores enquanto indivíduos que atuam com conhecimento histórico. Como foi mencionado, foi utilizado uma entrevista estruturada, voltada ao professor de história, onde nesta constam perguntas relacionadas a importância da disciplina de história e a busca para compreender como os alunos se comportam diante do assunto da Ditadura Militar, abrangendo assim as dúvidas dos alunos e chegando a outro pensamento essencial que é compreender a relação entre conhecimento histórico e democracia.

### **1. Quando perguntados sobre qual a importância do ensino de história sobre o período do Regime Militar no Brasil (1964-1965), respondera que:**

**Docente 1** - *“a presença dessa temática pode ser vista como um grande despertar para a fragilidade da democracia brasileira, que já foi interrompida em algumas ocasiões, como em 1964. A medida em que se cria debate sobre essa temática em sala de aula caracteriza-se um espaço para a tomada de consciência das atividades que foram cometidas e pode se repetir em um regime político autoritário”.*

**Docente 2** - *“A disciplina História é de fundamental importância no sentido de que ela esclarece de um ponto de vista científico pedagógico o que de fato é um regime ditatorial, e procura manter viva na memória das pessoas (alunos) a importância de um Regime democrático”.*

**Docente 3** - *“Atualmente passamos por um grande índice de decadência e o que se diz respeito ao resgate da nossa história, por parte de um sistema que tenta priorizar outras fontes de ensino e a grande importância é realizar uma reflexão do ensino de história no Brasil, bem como a sua dinâmica social e política no contexto da ditadura militar Brasileira”.*

**Docente 4** - *“É importante para manter viva a memória desse assunto que ainda hoje é tão investigado, haja vista que tem muitos documentos que foram destruídos de forma proposital pelos líderes políticos e documentos orais que podem ser criados por vários personagens que vivenciaram o período”.*

**Docente 5**- *“Levantar o debate acerca do que é um governo opressor, especialmente no campo da liberdade de expressão. É importante que o aluno entenda que a sociedade enquanto sujeito histórico coletivo, tem o poder de mudar a realidade, pra “pior” ou pra “melhor”. Mas acima de tudo, que se tenha liberdade de ação, coisa que na ditadura não se tinha”.*

**2. Quando perguntados sobre o que o estudo do passado do período do regime militar pode significar para nosso presente, afirmaram:**

**Docente 1**- *“Significa que podemos olhar para o passado e comparar com o caminho percorrido pela política e pela democracia brasileira, significa ver os erros do passado e lutarmos para que eles não se repitam”.*

**Docente 2**- *“O passado do regime militar deve ser estudado e esclarecido para a população que não viveu esse período e até mesmo para aqueles que viveram, mas por conta dos órgãos de censura não vieram ao conhecimento da população o que de fato aconteceu nos quartéis Brasileiros.”*

**Docente 3**- *“Podemos discutir o fato de que as pessoas com maior senso crítico passaram a sofrer intensas perseguições. Os professores da disciplina de História enfrentaram grandes limitações, tiveram suas disciplinas reduzidas e incorporada a outra, como educação militar cívica. Era um regime cruel, mas funcional. Hoje temos um sistema a mais liberal, porém, menos funcional”.*

**Docente 4**- *“Possibilita conhecer as lutas pelo poder no Brasil, assim como ideologias com comunismo, socialismo e da direita. Verificar os crimes cometidos contra a moral e a ideologia de pensamento de pessoas classificadas como*

*esquerdistas, onde o nosso país viveu momentos de muita violência e sem liberdade de expressão e política. Além de perceber como o Brasil se modernizou com a ajuda financeira dos EUA e de muitos empresários brasileiros”.*

**Docente 5-** *“Pode servir de referência. Essa é uma das grandes contribuições da História no estudo do passado, nos servir de referência. Assim podemos repensar o presente”.*

**3.Quando perguntados sobre quais as dúvidas mais frequentes dos alunos, responderam que:**

**Docente 1-** *“Perguntam principalmente se é verdade que houve mortes e pessoas desaparecidas com dizem os livros também perguntam se o Brasil vai voltar a ser ditadura novamente”.*

**Docente 2-** *“Quem eram as pessoas alvos das perseguições e o que “melhorou” durante esse período”.*

**Docente 3-** *“A limitação da disciplina de história e aplicação/ampliação da disciplina ensino militar cívico, que tinham por finalidade formar cidadãos de acordo com o que o país precisava, era preciso inserir no aluno a magnificência da pátria e seu amor por ela”.*

**Docente 4-** *“Sobre as práticas de tortura, os aliados dos militares na implantação do golpe e na sua manutenção, o papel da imprensa, a força da censura nos meios de comunicação (motivos e personagens artísticos que foram recriminados), como a esquerda sobrevivia à perseguição política, como se deu o exílio e as rixas dentro do quadro dos militares que caracterizaram a linha mais dura e menos violenta”.*

**Docente 5-** *“Habitualmente, os alunos não tem dúvidas. Eles ficam curiosos com o desenrolar dos fatos. Algumas vezes mostram-se indignados, protestam em sala e geralmente um debate caloroso”.*

**4.Quando perguntados sobre qual a ligação que veem entre o ensino da história e a defesa da democracia, responderam que:**

**Docente 1-** *“O estudo da história é uma ferramenta importante para a tomada de consciência democrática, política e cidadã. Através disso, temos argumentos para luta contra discursos autoritários que ameaçam a democracia do nosso país”.*

**Docente 2-** *“A História ciência te dar uma certeza uma clareza do que é a Democracia e como vivem ou viveram os países em que ela foi suprimida”.*

**Docente 3-** *“Uma conscientização de que somente o ensino de história resgata e mantém viva a história”.*

**Docente 4-** *“A História explica como os povos se organizaram em cidades, construíram grandes impérios, ganharam e perderam batalhas, enfatizando o poder de cada classe social, principalmente a maioria trabalhadora que é quase sempre marginalizada socialmente e sem direitos políticos. Dessa forma, entendemos o quão importante foram as revoltas e as revoluções que o povo e a burguesia realizaram em defesa da liberdade, democracia e igualdade. A história dá muitos exemplos de lutas pela democracia, lutas que ainda não acabaram, pois existem muitos sujeitos sociais que batalham por um a vida mais justa e igualitária”.*

**Docente 5-** *“A História busca desvendar o passado, analisar, entender as ações humanas. Claro que esse olhar histórico também lança sobre o presente, exatamente pra encontrar a linha história que resultou nas mudanças e permanências. Enfim, não penso que seja papel da História fazer defesas e defender o bem ou o mal; defender a democracia ou a tirania”.*

Analisando os dados produzidos nessa etapa de aplicações de questionários durante a pesquisa em campo, a maior dificuldade que tive nessa etapa estavam relacionadas com os prazos de devolução dos questionários. Em consequência disso, infelizmente, nem todos puderam colaborar com a pesquisa, e tais ocorrências estabilizavam parte do projeto.

Percebemos que a maioria dos professores de história entrevistados reconhecem que a Ditadura foi um instrumento de censura e afronta à democracia Brasileira. Já analisando a opinião de outros professores, em certas respostas insinuam que o conservadorismo poderia ser uma “solução” para termos uma educação mais funcional. Então, percebemos algumas divergências ideológicas na maneira dos professores enxergarem a história.

Houve uma professora afirmou que a Ditadura Militar não foi algo tão radical como a maioria pensa, e a mesma também afirmou que era contra as políticas de ação afirmativas, como as cotas para negros em universidades. Pensei que a

opinião dela também agregaria de alguma forma no questionário, mas ela mostrou resistência para responder, e apesar de levar o documento para casa, acabou não entregando (mesmo tendo ido inúmeras vezes nesta escola com essa finalidade).

Esta pesquisa se trata de uma experiência envolveu, em primazia, os alunos, mas, decidimos, no processo, estabelecer uma ponte com os professores, pois estamos falando da oportunidade de refletirem mais nestas questões sobre um assunto que se faz muito presente no debate político atual, em que o presidente da república do Brasil, elegeu-se com um discursos a favor da ditadura militar, inclusive da prática da tortura. Destaca-se, a Escola Colares Moreira, pois na ocasião, a professora de História já iria trabalhar com esse assunto em razão dos 55 anos do golpe militar, e dessa forma os questionários vieram a agregar para a aula do 3º ano do turno vespertino.

Ainda sobre as representações dos docentes, é perceptível na maioria das respostas, uma ideia de revermos os erros do passado e lutarmos para não os repetir, considerando e enxergando a História como uma ferramenta de Democracia como muito deles a denominaram na entrevista.

De acordo com Alexandra Carvalho (2011, p.102), percebemos que preparar uma aula de história para a educação básica significa trazer o passado e criar uma narrativa sobre ele, assim como a função de um historiador-pesquisador. Porém, o conhecimento criado por um professor envolve artifícios e objetivos que são característicos, colocando assim importantes particularidades. Autores como Ana Maria Monteiro, Fernando Penna e Carmen Gabriel têm enfatizado a importância de estabelecer essa elaboração da narrativa em um lugar de alcance, no qual diferentes saberes, por exemplo, dos campos da História e da Educação são colocados em diálogo e explicados de maneira particular pelo professor. (Monteiro; Penna, 2011; Gabriel, 2009).

[...] produção dos docentes/agentes culturais em diálogo com seus alunos, em contextos curriculares específicos considerados em seus aspectos contingenciais, nos quais circulam diferentes sentidos e demandas de conhecimento: fluxos oriundos dos conhecimentos científicos que se articulam com referências culturais dos diferentes sujeitos em diálogo e das instituições onde se efetivam as mediações/ produções. (MONTEIRO, 2015, p.166-167)

Consideramos a aula de História como uma criação da coletividade, na qual envolvem os professores e alunos, estes também atribuem o tempo presente de acordo suas experiências, vontades, linguagens, culturas; seja com o vídeo exibido no YouTube<sup>1</sup> ou recebido pelo WhatsApp<sup>2</sup>, com a série que assistiram em um canal de TV, ou algo que leram no jornal, algum ocorrido que movimentou seu bairro, a música que ouviram no Spotify<sup>3</sup>. Nesse campo, uma das preocupações principais do professor deve ser a de estabelecer pontes entre seu universo simbólico, o conhecimento histórico que pretende apresentar e os contextos nos quais o estudante está inserido, em seus saberes, interesses e valores.

---

<sup>1</sup> Plataforma popular vídeos

<sup>2</sup> Aplicativo de mensagens e mídias

<sup>3</sup> Plataforma recente de músicas

A ditadura civil-militar foi um golpe que levou os militares ao controle do poder, daí então estabeleceram mais que um regime autoritário, eles interromperam um processo de construção democrática do Brasil, que já estava sendo iniciado há menos de 20 anos. O golpe e a ditadura militar no Brasil, foram resultados também de uma aplicação direta da Doutrina de Segurança Nacional. Esta foi a doutrina formada pelos EUA, onde eles conseguiam comandar suas ações durante a guerra fria.

De acordo com o artigo de Fico (2004, p.29) é possível compreender mais sobre o Golpe de 1964 e conferir algumas questões contestáveis acerca da repressão política, a censura e outras temáticas da ditadura militar. O golpe de 1964 no leva a refletir um pouco sobre as principais causas desse evento histórico.

O cientista político Alfred Stepan em sua tese de doutoramento, apresentada à Universidade Columbia, em 1969, publicada no Brasil em 1975, com o título, *Os militares na política, as mudanças de padrões na vida brasileira* aponta que as razões que chamam de “revolução” se deu sob o argumento de que João Goulart, presidente deposto em 1964, seria incapaz de “reequilibrar” o sistema político.

Se a preparação do golpe foi de fato “civil-militar”, é de destaque o papel dos militares, pois além das movimentações de tropas, desde o início do regime foi indiscutível a dominação dos militares, em perda das lideranças golpistas civis. É de conhecimento que após o golpe de 1964, ipesianos ocuparam os cargos mais importantes no Estado.

Já nas avaliações de Soares (1994, p.8), uma iniciativa de pesquisa que se revelaria fundamental para o estudo do golpe de 1964 e da ditadura militar. Levadas à tona por pesquisadores do CPDOC — Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas, diversas entrevistas com militares foram feitas. Em 1994, a equipe do CPDOC publicou o primeiro dos três volumes de entrevistas de militares que “em sua maioria não tiveram uma liderança destacada nos preparativos do golpe. Foram, dessa forma, peças importantes na implementação e manutenção do regime”.

Através dessas entrevistas ficou confirmado a percepção militar majoritária da importância do anticomunismo e do mal-estar com a suposta quebra da hierarquia e

da disciplina e, com elas, o aspecto da percepção militar sobre o papel dos civis e dos militares ficaria bastante esclarecido, pois, se havia óbvio relacionamento entre os ativistas do Ipes e os militares, a decisão de movimentar tropas, que é, afinal, o gesto capaz de deflagrar o golpe, dependia de considerações especificamente militares, sendo visível, por exemplo, para os generais conspiradores, a importância do papel (militar) da decisão do colega Amaury Krueel, general comandante do II Exército, de aderir ou não ao movimento.

Outro fato, é que sem a propaganda ideológica, a mobilização da classe média e dentre outras práticas de auxílio, o golpe seria difícil acontecer, e sem a iniciativa militar seria algo impossível. Portanto, é preciso diferenciar a atuação desestabilizadora (a propaganda do Ipes e outras agências) da conspiração golpista civil-militar.

Daniel Aarão Reis traz algumas reflexões sobre a ditadura militar, ele discorre que embora esse período tenha desaparecido gradualmente, em ordem e paz, a ditadura militar foi e tem sido objeto de escárnio, de desprezo, ou de indiferença, trazendo uma ruptura drástica entre o passado e o presente, quando não o silêncio e o esquecimento de um processo, contudo, tão recente, e tão importante, de nossa história.

Ele desperta nossa atenção no sentido que, se isso tudo está ligado à verdade, como explicar porque a ditadura não foi simplesmente derrotada? Como podemos compreender a permanência de lideranças e mecanismos de poder conservados ou construídos no período da ditadura, pela ditadura e para a ditadura? E o falar sobre a cultura política autoritária, cuja vitalidade ninguém pode contestar? Talvez seja necessário refletir sobre os fundamentos históricos da ditadura militar, as relações que se estabeleceram entre ela e a sociedade, e sobre o papel exercido pelas esquerdas no período.

As sociedades sempre têm dificuldades em estudar a memória sobre as suas ditaduras, principalmente a partir do momento em que assumem códigos de valores opostos aos princípios do estado de exceção. Não se trata de algo específico de nosso país. Os franceses têm, até hoje, dificuldades em se relacionar com a França de Vichy. E o mesmo ocorre com os alemães, quando pensam em Hitler. Até que ponto o exercício da memória não passa de autoflagelação?

"Não seria melhor e mais saudável manter a paz das consciências? E olhar

para a frente, deixando o passado sossegado, e as feridas, cicatrizando? Entretanto, há alguns nós que precisam ser desatados, ou, ao menos, compreendidos. E isto não diz respeito apenas ao passado, mas ao presente e, sobretudo, ao futuro”. Daniel Aarão afirma que:

A ditadura reatualizou e exacerbou no Brasil a tradição da cultura autoritária. Não bastou uma roupa nova - a Constituição de 1988, para resolver este desafio. Que o digam os pataxós queimados, os presos de Carandiru e toda a legião de subcidadãos, vagando nas margens do sistema. (Daniel Aarão, 2002, p.15)

Entretanto, foi em plena exceção, no mais fundo dos exílios, que as esquerdas descobriram os valores democráticos. Veremos se não os esquecerão, ou não terão deles uma abordagem meramente formalista, perdendo a perspectiva da mudança para se tornarem administradoras da Ordem. A ditadura reatualizou e exacerbou as tradições e a cultura nacional-estatista. É curioso ver como as esquerdas brasileiras ainda fazem acrobacias para rejeitar aquela sem negar esta. E como os liberais frequentemente empregam métodos daquela para destruir esta.

Finalmente a ditadura instaurou-se sob o signo do Medo. Medo de que as desigualdades fossem questionadas por um processo de redistribuição de renda e de poder. Ora, através dos anos, mantiveram-se e se consolidaram estas desigualdades. “Não terá sido esta a maior obra da ditadura? Entretanto, o questionamento desta obra continua provocando Medo. E o pavor do caos. O caos ou o retorno a formas autoritárias. Uma reflexão mais acurada e sistemática sobre os tempos da ditadura talvez seja um antídoto para escapar deste maldito dilema. Pronto a ressuscitar tão logo apareçam novas ameaças à Ordem”.

É possível compreender nessa explicação e relato de Daniel Aarão, que a Ditadura Militar foi algo que trouxe consigo um conjunto de medidas rígidas tendo como base o autoritarismo, e que as mesmas envolveram o Brasil em uma fase nefasta, e que não se trata apenas de um simples fato que ocorreu e sumiu, mas que até hoje deixou marcas, e além disso tal discurso juntamente com a normas que formam essa ideologia estão reverberando “por aí”. Ele também trata da importância de refletir sobre essa fase e entendermos mais sobre o que aconteceu, evitando aquela atitude de “deixar o passado no passado”.

Segue abaixo parte da entrevista com o presidente do Supremo Tribunal Federal, o ministro Dias Toffoli, com objetivo de enriquecer mais ainda este tema, se trata de uma entrevista realizada em 1º de outubro de 2018, pela repórter Caroline Scorce do site **carta capital**, onde também foi mencionado o professor de História contemporânea da Universidade Federal Fluminense, Daniel Reis Aarão. A publicação já trazia como frase destaque a seguinte afirmação: “Em seminário sobre Constituição de 1988, o presidente do STF afirmou que prefere chamar a ditadura civil-militar de “movimento de 1964”.

O presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, afirmou nesta segunda-feira 1º que não usa, ao falar do período da ditadura civil-militar no Brasil, os termos “golpe” ou “revolução”. “Me refiro a movimento de 1964”, disse. A fala foi feita em um seminário que tratava dos 30 anos da Constituição de 1988.

Ao falar do período da **ditadura militar**, Toffoli mencionou o historiador Daniel Aarão Reis. Segundo o presidente do STF, sua pesquisa indicaria que tanto a esquerda quanto a direita conservadora, naquele período, tiveram a conveniência de não assumir seus erros anteriores a **1964**, passando a atribuir os problemas aos militares.

O conceito elaborado por Toffoli nesta segunda-feira não é, no entanto, o mesmo utilizado por sua fonte. O historiador Daniel Aarão Reis, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense, afirmou, em entrevista a *Carta Capital*, que chamar a ditadura militar de ‘movimento de 1964’ é impróprio, assim como igualar “os que lutavam por justiça social com os que queriam eternizar a injustiça social.”

**CC:** *É correto chamar o período da ditadura militar de movimento de 64?*

**DAR:** Foi muito infeliz da parte dele dizer que abandona a terminologia ditadura, que expressa perfeitamente o estado de exceção que se passou no País, pra assumir um outro conceito. Vindo da parte de um juiz, presidente do STF, é uma coisa que provoca espanto. Eu estou estarelecido de ver um juiz, que deveria ser o guardião da lei, relativizando o desrespeito à lei.

**CC:** O senhor avalia, então, que é ruim para a história uma autoridade jurídica assumir esse tipo de conceito.

**DAR:** Devemos lembrar, para desgraça nossa, que na época de 64, o então presidente STF, ministro Ribeiro da Costa, sem consultar seus colegas, apoiou o golpe de 64. Então o ministro Ribeiro da Costa foi cúmplice do golpe. Fato lamentável para a tradição jurídica brasileira. E é uma pena que o ministro Toffoli, de alguma maneira, recupere essa tradição triste que foi assumida pelo Ribeiro da Costa na época. Depois o Ribeiro da Costa entrou em conflito com a ditadura, mas aí já era tarde. Acho que hoje muitos estão namorando a hipótese de uma nova ditadura, e depois irão se arrepender, mas aí também será tarde.

## 6. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

No dia 03 de abril de 2019, em entrevista, o ministro da educação disse discordar que houve um golpe em 1964 e ditadura. Na entrevista, o ministro Ricardo Vélez Rodríguez, disse que haverá mudanças em livros didáticos para revisar a maneira como são retratados nas escolas o golpe de Estado que retirou o presidente João Goulart do poder, em 1964, e o regime militar que o seguiu.

Segundo o jornal, Vélez diz acreditar que a mudança de regime, há 55 anos, não foi um golpe, e sim uma "mudança de tipo institucional". Além disso, teria dito que o período que seguiu a posse do general Castello Branco não seria ditadura, e sim um "regime democrático de força". A tese é refutada por historiadores que estudaram o período.

Vélez disse, segundo o *Valor*, que as mudanças em livros didáticos seriam "progressivas", e devem ocorrer "na medida em que seja resgatada uma versão mais ampla da história". Ele ainda teria dito que o papel do Ministério da Educação (**MEC**) é "regular a distribuição do livro didático e preparar o livro didático de tal forma que as crianças possam ter a ideia verídica, real, do que foi a sua história".

A notícia repercutiu mal entre representantes de editoras e autores de livros didáticos. O presidente da Associação Brasileira dos Autores de Livros Educativos (Abrale), Cândido Grangeiro, ressaltou que todo e qualquer livro didático deve, por regra, ser baseado em ampla consulta acadêmica, e não por opiniões.

Podemos dizer que o livro didático é um produto complexo, pois o mesmo traz diferentes perspectivas teóricas, mercadológicas, políticas e ideológicas, que acabam trazendo críticas tanto favoráveis quanto desfavoráveis referentes ao que o livro está apresentando e como ele está apresentando. Estamos falando de algo que ocupa espaço na cultura escolar de diversas salas de aula espalhadas pelo Brasil.

É fato que a maioria dos estudantes não compreendem a história que estudam e muito menos a sua finalidade. Talvez seja este um dos motivos do desinteresse dos estudantes de 1º e 2º grau pelo ensino de história. O que só aumenta a responsabilidade do professor em mostrar aos alunos novos caminhos que visem criar o interesse pelo conhecimento e compreensão da história como um

processo.

O livro didático é um material que sugere ações educativas, onde seu conteúdo é elaborado nas concepções e valores que o autor e a escola consideram desejáveis para seus usuários. Dessa forma, o grande problema deste questionamento, não é tanto o aspecto pedagógico e didático do livro escolar, mas sim o aspecto ideológico dos valores explícitos ou implícitos encontrados em seu conteúdo.

O livro didático é um dos responsáveis pelo conhecimento histórico que constitui que poderia ser chamado de conhecimento do homem comum. É ele o construtor do conhecimento histórico daqueles cujo saber não vai além do que lhes foi transmitido pela escola de primeiro e segundo grau. (ABUD,1984, p.62).

Outro fato, é que existem livros didáticos que mostram a história a partir dos olhos da classe dominante, escondendo o outro lado da História, ou seja, a história das classes subalternas, como se elas não tivessem tido nenhuma importância ou contribuição no desenvolvimento dos processos históricos. Nessa perspectiva, podemos questionar sobre que tipo de história os estudantes brasileiros tem recebido em sala de aula?

Compreende-se que a memória individual é criada de acordo com lembranças vivas baseadas nas coletividades dos sujeitos, levando em consideração as ligações entre esses grupos de pessoas e suas lembranças. A memória Histórica consiste na continuidade de acontecimentos importantes no contexto de um determinado país, envolvendo suas tradições e aspectos culturais.

A memória tem base no “passado vivido”, onde será possível a criação de uma narrativa acerca do passado do sujeito de forma viva e natural. A memória não pode ser vista apenas como um processo parcial e limitado de lembrar eventos passados. Tem a ver com a construção de referenciais do passado e o presente de diversos grupos sociais, baseado nas tradições e mudanças culturais.

O livro didático é de grande importância para a concretização e divulgação de uma memória histórica, pois ele consegue marcar a representação de passado de gerações que passam pela escola. Seguindo a trajetória do livro didático, identificamos também as memórias distintas, traumáticas e silenciadas através da

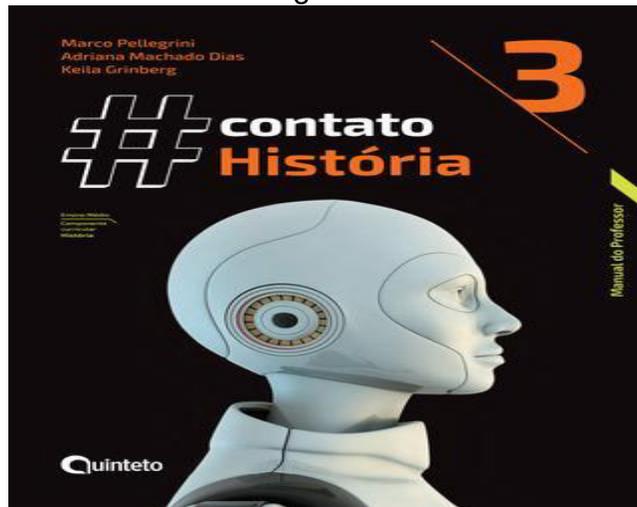
formação do seu desenvolvimento. O caminho percorrido pelo livro didático de história torna possível analisar diversas questões, discursos históricos e as discussões sobre os temas do tempo presente.

Segundo Alain Choppin, o livro didático possui “a função mais antiga”, tornando-se “um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes”, “instrumento privilegiado da construção de identidade” e “símbolo da soberania nacional”. (CHOPPIN, 2004, p.553).

Tais conjecturas serão considerados na análise dos livros didáticos na investigação do trabalho da memória social, atuando de forma específica no que envolve os sujeitos, no caso da Ditadura Militar, define a relação de culpados e vítimas colocada entre os militares e sociedade civil ao mesmo tempo, e também em lugar de produção de memória histórica no livro didático que em algumas ocasiões, criam coisas novas e em outros repetem o que está na memória social.

O livro de história utilizado nas escolas públicas do 3ºano do ensino médio, trata-se de um livro que tem por tema: **#contato história**, escrito por: Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg. As cinco instituições do Município e todas as escolas utilizam o mesmo livro. É um material didático (PNLD), que tem duração válida de 2018 a 2020, o conteúdo passou pela avaliação do ministério da educação

Figura 1



Capa do livro didático, contato História

Na página 212 do livro, é narrada uma curta passagem com ilustrações de tanques e soldados explicando que em 1º de abril de 1964 iniciava-se o golpe militar, nessa passagem a obra está de acordo que realmente se tratava de um golpe militar. Em seguida, o conteúdo mostra a duração do Governo Militar no Brasil sendo ilustrada por uma linha do tempo.

Figura 2

**O golpe de 1964**

Na manhã de 1º de abril de 1964, cidadãos das principais cidades do país acordaram ao som do movimento das tropas do Exército. Era um golpe militar em andamento, que, contando com o apoio da parte da sociedade civil, depôs o presidente João Goulart sob a justificativa de garantir a ordem e a segurança no país e combater as ações caquéticas que supostamente pretendiam transformar o Brasil em um país socialista.

Apesar de ainda contar com o apoio dos governadores Miguel Arraes (Pernambuco) e Júlio Diniz (Piauí), além de Leonel Brindeis, ex-governador do Rio Grande do Sul, o presidente deposto João Goulart foi refugiado no estado gaúcho e, em seguida, se foi-se no Uruguai, procurando evitar conflito armado.

**Militares no poder**

Após o golpe, os militares assumiram o poder e cassaram o mandato do muitos políticos da oposição. No dia 15 de abril, o Congresso Nacional elegeu indiretamente o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco como presidente do Brasil. A partir de então, os militares garantiram o controle social por meio do autoritarismo e da repressão política.

**Da perseguição pelo regime militar**

Indo em parangaripes pelo regime militar estiveram personalidades conhecidas no meio político, como o ex-Carlos Lacerda, João Cabral de Melo Neto, Miguel Arraes, Leonel Brindeis, Fausto Spender, Gabriel Byrne e Assis Brasil. Alguns artistas foram acusados de serem comunistas e perseguidos e censurados, como o jornalista Sérgio Buarque de Holanda, o escritor João Cabral de Melo Neto, o ator Cláudio Galvan e o jornalista Milton de Azevedo. Muitos artistas, que haviam assinado o golpe, passaram a sofrer perseguições políticas, foram proibidos de trabalhar no setor público, perderam seus empregos, refugiados em outros países ou simplesmente cassados, como foi o caso de Carlos Lyra, ex-governador do estado de Ceará.

**Linhas do tempo**

**Governo militar no Brasil**

- 1º de abril de 1964**: Movimento das Forças Armadas depõe o presidente João Goulart. General Média e General Moura assumem o poder, iniciando o regime militar.
- 15 de abril de 1964**: O Congresso Nacional elege indiretamente o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco como presidente do Brasil.
- 31 de outubro de 1965**: O Ato Institucional nº 1 (AI-1) cria o Conselho de Segurança Nacional, órgão que tem o poder de cassar o mandato de deputados e senadores.
- 26 de janeiro de 1967**: O Ato Institucional nº 2 (AI-2) cria o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), órgão de repressão política.
- 13 de setembro de 1968**: O Ato Institucional nº 5 (AI-5) cria o Conselho de Estado, órgão de repressão política.
- 26 de outubro de 1973**: O Ato Institucional nº 6 (AI-6) cria o Conselho de Mordomos, órgão de repressão política.
- 1º de janeiro de 1979**: O Ato Institucional nº 7 (AI-7) cria o Conselho de Mordomos, órgão de repressão política.
- 11 de novembro de 1979**: O Ato Institucional nº 8 (AI-8) cria o Conselho de Mordomos, órgão de repressão política.
- 16 de abril de 1985**: O Ato Institucional nº 16 (AI-16) cria o Conselho de Mordomos, órgão de repressão política.

212 213

Fonte: Contato História, p.212-213

O parágrafo inicial do livro (p.212) cita: *“Na manhã de 1º de abril de 1964, cidadãos das principais cidades do país acordaram ao som da movimentação de tropas do Exército. Era um golpe militar em andamento, que, contando com o apoio da sociedade civil, depôs o presidente João Goulart sob a justificativa de garantir a ordem e a segurança no país”.*

Observei que o livro manteve o termo: **Ditadura militar** no capítulo dez do livro (O Brasil durante a ditadura militar-pag.210). Já nos demais subtópicos já utilizam um termo que podem sugerir “uma amenização”: **Regime Militar**. Ele aborda outras vertentes do assunto como: a **propaganda ideológica** (na qual traziam sua própria ideologia inserida nos meios de comunicação), aborda a censura no quesito da lei de imprensa que consistia em atingir todos os meios de comunicação de forma favorável a eles como: radio, revistas, letras de música e peças de teatro.

O livro traz para conhecimento os lemas utilizados naquele período ditatorial: “Brasil, ame-o ou deixe-o” ou “Ninguém mais segura este país”, sendo essas tentativas de mostrar que o país estava se tornando uma “grande potência”. Ele também traz um cartaz da época com a seguinte inscrição, “Até 1964 o Brasil era apenas o país do Futuro. E então o Futuro chegou”.

Figura 3



Fonte: Contato História, p.216

Outro assunto que é bastante explorado nesta obra é acerca da censura e da

resistência artística, abrangendo o teatro, o cinema, a música popular brasileira, o tropicalismo e a cena do Rock nacional da época.

Em meado dos anos 60 e 70, houveram diversos artistas compositores que descreviam em suas canções a força e o momento histórico do qual estavam passando baseado no autoritarismo e pela rígida censura daquele instante. O ápice dessa fase ocorreu entre os anos de 1968 e 1974, durante o ato institucional nº 5, que também ficou conhecido como al-5. Nesse período de luta contra a censura, muitos artistas populares ligados à música se tornaram porta-vozes dos valores democráticos, se colocando contra aquela realidade política opressora. Ainda com toda a censura, a música popular foi essencial para reverberar verdades sobre a sociedade, elas vinham apresentadas como forma poética e metafórica.

Nessa época, os artistas levaram o Brasil a presenciar um forte campo artístico e literário, e nesse momento a música chega com grande destaque, pois em seus conteúdos constavam críticas à realidade, fazendo assim com que a voz artística (representada também por artistas, poetas e atores) se tornasse acessível ao povo, expressando ali um sério desabafo com as medidas rígidas do governo.

“Durante os anos finais da década de 60 e início dos anos 70, as produções musicais são “peneiradas” e só chegariam a público, músicas, peças de teatro, livros, enfim, qualquer produto cultural que os censores julgassem adequados ao momento político”. (CALDAS, 1985, p. 65).

Figura 4



Fonte: Contato História, p.218-219

O movimento do tropicalismo foi originado graças a influência da cultura pop nacional e internacional, tinha sua própria estética e almejava que as manifestações artísticas mudassem. Em sua esfera musical, renovaram as letras das músicas e incorporaram novas referências do seu tempo. Os Tropicalistas quebraram paradigmas no país, quando misturaram o rock com bossa nova, samba e bolero, logo, para a visão contemporânea daquela época, tais combinações eram bastante inusitadas.

Caetano Veloso foi o idealizador desse movimento e convidou outros artistas bastante influentes e talentosos para integrarem esse grupo, como Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, Nara Leão, Torquato Neto, Maria Betânia e a banda de Rock Mutantes que tinham um som experimental influenciado pelo Rock Psicodélico e pelos Beatles.

O tropicalismo não tinha nenhuma oposição contra a bossa nova (estilo predominante naquela época), porém, eram contra o estado entediante que a música popular Brasileira se encontrava, traziam como novidade o uso da guitarra em suas músicas, se diferenciando da proposta da Bossa nova, que sempre foi associada ao violão clássico. Diante dessa nova tendência, vários artistas entenderam a importância de se reinventarem.

## 7.CONCLUSÃO

Foi possível perceber que através de todo esse processo da pesquisa em campo, e em específico as escolas públicas por onde passei, que essa temática da Ditadura Militar tem despertado a atenção da grande parte destes alunos, e isso já é bom sinal, pois é notável que eles se preocupam com a política e mais que isso, se preocupam com a ideia de imaginar o Brasil sendo manipulado por forças militares e até mesmo com as decisões de um governo extremista.

Se 84 alunos dentre 125, estão atentos as atitudes passadas ao que se refere o golpe Militar, uma vez que os mesmo consideram o Regime uma manifestação injusta e violenta, podemos dizer que o ensino de História tem se empenhado a cumprir sua função de trazer essas informações históricas para conscientização dos alunos da rede pública no terceira ano. Ao mesmo tempo, é nítido que uma outra parte dos alunos (ainda que menor) da escola pública possuem uma perspectiva de classe dominante na forma de enxergarem a construção do Brasil.

A um passo que é evidente que existem alguns professores de História nas escolas públicas que também enxergam a História de um ponto de vista da classe dominante, ou seja, acreditando que a educação na época da Ditadura era mais funcional. Porém, em sua grande maioria, os professores compreendem que a Ditadura Militar foi sim um golpe que atingiu todo um processo construtivo do país e que isso trouxe uma fase nefasta para aquele período no Brasil.

Em virtude do foi mencionado, posso dizer que foi uma experiência muito importante para mim enquanto acadêmico, pois pude compreender como os jovens do 3º ano do ensino médio, bem como seus professores (da cidade em que eu estudo/resido), se posicionam em relação a essas questões histórica e políticas. Em meio a tudo isso, ainda existe uma pequena parte dos alunos que não compreendem o valor desse debate, indubitavelmente a política interfere e em muitos casos decidem nossas vidas, assim, não podemos nos furtar de compreendê-la, seja no que se refere aos processos históricos e a análises mais conjunturais.

## REFERÊNCIAS:

ABRÃO, PAULO. **Educar para o futuro**. In: ARAÚJO, Maria Paula Nascimento, SILVA, Izabel Pimenta da, SANTOS, Desiree dos Reis (orgs.) **Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2013, p. 7.

CHOPPIN, Alain. **História dos Livros e das Edições Didáticas**: sobre o estado da arte. Scielo Brasil. Educação e Pesquisa, 2004.

DREIFUSS, R.A.1964: **A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. Rio de Janeiro:Vozes,1981, p.105.

FICO, C. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record,2004, p.83.

LAVILLE, Christian. **A Guerra das Narrativas: Debates e Ilusões em torno do Ensino de História**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, 1999, v. 19, nº 38.

LEITE, F. H. C. **Metodologia Científica**. In: LEITE, F. H. C.; SAKAGUTI, S. T. **Metodologia Científica/ Estatística II**. Dourados - MS: UNIGRAN, 2009

MONTEIRO, Ana Maria F. da C. **Aulas de História: questões do/no tempo presente**. Educar em revista, Curitiba, n.58, p.165-182, out./dez. 2015.

Reis, Daniel Arão. **DITADURA MILITAR, ESQUERDAS E SOCIEDADE**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2000

REIS, Risolene Pereira. In: **Mundo Jovem**. São Paulo. Fev. 2002

SOARES, G.A. D. **O Golpe de 64**. In: SOARES, G.A. D., D' ARAUJO, M. C. (Org.), op. cit., p.45.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. São Paulo: Ática, 2002.

21 anos de resistência e luta. **Memorial da Democracia**, 2019.

Disponível em: <https://www.memorialdademocracia.com> . Acesso em: 8 de maio de 2019.

Livros didáticos devem revisar referências à ditadura militar, diz Vélez a jornal. **Estadão**, 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao> . Acesso em:29 de maio de 2019.

Scorece, Carol. Historiador citado por Toffoli rejeita chamar ditadura de “movimento”. **Carta Capital**, 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 9 de junho de 2019.

**APÊNDICES E ANEXOS:****PESQUISA****ENSINO DE HISTÓRIA E CIDADANIA: REPRESENTAÇÕES DE DISCENTES E DOCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE CODÓ/MA****QUESTIONÁRIO 01: APLICAR COM PROFESSORES/AS**

1.Qual a importância do ensino de história sobre o período do Regime Militar no Brasil (1964-1985)?


2.O que o estudo do passado do período do regime militar pode significar para nosso presente?


3.Sobre a temática “Regime militar no Brasil (1964-1985) ”quais as dúvidas mais frequentes dos alunos?


4.Qual a ligação que você vê entre o ensino de história e a defesa da democracia?


**PESQUISA ACERCA DA DITADURA CÍVIL-MILITAR BRASILEIRA  
(1964-1985)**

1.VOCÊ CONSIDERA QUE OS MILITARES DEVEM TOMAR O PODER (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA) QUANDO ELES JULGAREM NECESSÁRIO?

( ) Sim                      ( ) Não                      ( ) Não tenho opinião

2.VOCÊ CONSIDERA QUE O REGIME MILITAR NO BRASIL (1964-1985) FOI:

- a) Um golpe de Estado, pois tomou o poder de um governo democrático
- b) Necessário, pois os militares mantiveram a ordem e a disciplina
- c) Não sei responder

3.COMO VOCÊ RESUMIRIA O REGIME MILITAR NO BRASIL (1964-1985):

- a) Injusto, violento, autoritário.
- b) Pacificador, necessário, democrático
- c) Não sei responder

4.VOCÊ SABIA QUE O REGIME MILITAR NO BRASIL (1964-1985) TEVE INFLUÊNCIA DIRETA DOS ESTADOS UNIDOS QUE QUERIA MANTER O CONTROLE SOBRE O PAÍS?

( ) SIM                      ( ) NÃO

5.O QUE VOCÊ SABE SOBRE ESSAS IMAGENS?

Imagem A



Imagem B

